

## EXISTÊNCIAS DE MULHERES RENEGADAS EM “OS SERTÕES” DE EUCLIDES DA CUNHA<sup>1</sup>

Marluce Freitas de Santana<sup>2</sup>

*Resumo:* Este artigo resulta dos estudos preliminares de Doutorado em Crítica Cultural, cujo projeto de tese *Apagamento e (re)existência de mulheres sertanejas em Canudos: História, Memória e Ficção* objetiva partir no campo Linguístico-literário, buscando uma releitura do clássico “Os Sertões”, de Euclides da Cunha, (1902) sob a perspectiva da Crítica Cultural, visando analisar, questionar, debater, construir novos conhecimentos e formular outras epistemes capazes de intervir na histórica inferiorização das mulheres imposta pelo paradigma patriarcal também evidenciada na narrativa em estudo. Confrontaremos a deliberada negação do protagonismo das mulheres sertanejas na Guerra de Canudos demarcada na narrativa euclidiana com outras fontes que possibilitem afirmar a presença resistente das mulheres sertanejas e suas formas de (re) existência, desde o passado da guerra até a contemporaneidade. Para esse texto, buscamos articular alguns referenciais teóricos estudados no componente Seminários Avançados I com nosso o projeto de tese, dentre os quais Saussure, Barthes, Derrida, Deleuze, Hall, Guinzburg, tomando conceitos basilares como starts para elaborações teóricas e orientação do percurso metodológico. A dupla face do signo linguístico-literário e o seu potencial mobilizador do sistema de significação por meio da articulação entre significante-significado; o princípio da arbitrariedade do signo linguístico e a

---

<sup>1</sup> Artigo produzido como trabalho final para avaliação discente do componente curricular Seminários Avançados I, ministrado pelo professor Dr. Cosme Batista, ofertado pelo curso de Doutorado em Crítica Cultural — Programa de Pós Graduação Pós-Crítica/UNEB — Turma Única-Canudos.

<sup>2</sup> Estudante do Curso de Doutorado em Crítica Cultural — Programa de Pós Graduação Pós-Crítica/UNEB — Turma Única-Canudos.

compreensão de que a língua é resultado de convenção social, mas só se realiza por meio da fala, dimensão individual da linguagem, são conceitos fundamentais para compreendermos o texto literário potencialmente aberto à plurissignificação em suas relações com um sistema sógnico semiótico, formado por signos linguísticos e culturais, arbitrários e polissêmicos, prenes de possibilidades representativas de outras formas de ver, ser e estar no mundo e de (des)construção de realidades.

*Palavras-Chave:* Resistência. Mulheres. Crítica Cultural. Os Sertões.

## INTRODUÇÃO

Este texto resulta das reflexões desencadeadas durante os estudos teóricos no componente curricular Seminários Avançados I, cursado no Doutorado em Crítica Cultural, ofertado pelo programa Pós-Crítica, do Departamento de Linguística, Literatura e Artes (DLLARTES) — Campus II da UNEB em Alagoinhas, em parceria com o Campus Avançado de Canudos/UNEB. Pretendemos articular alguns referenciais teóricos estudados no componente com nossa proposta inicial do projeto de pesquisa *Apagamento e (re)existência de mulheres sertanejas em Canudos: História, Memória e Ficção*, a ser desenvolvido para a tese de doutoramento. O projeto de tese atende ao interesse de continuar aprofundando estudos que partam do campo linguístico-literário e, em articulação interdisciplinar e intersemiótica, promovam uma crítica cultural contundente à condição de subalternidade e opressão das mulheres, em especial as periféricas, numa sociedade influenciada por valores patriarcais, misóginos, machistas, racistas e coloniais.

Partiremos da obra “*Os Sertões*”, de Euclides da Cunha, (1902) para mobilizar referenciais teóricos de outros campos, buscando ler esse clássico sob a perspectiva da Crítica Cultural, visando analisar, questionar, debater, construir novos

conhecimentos e formular outras epistemes capazes de intervir na histórica inferiorização das mulheres imposta pelo paradigma colonial, também evidenciada na narrativa em estudo. Confrontaremos a deliberada negação do protagonismo das mulheres sertanejas na Guerra de Canudos demarcada na narrativa euclidiana com outras fontes que possibilitem afirmar a presença resistente das mulheres sertanejas e suas formas de (re) existência, desde o passado da guerra até a contemporaneidade.

Embora *Os sertões* seja um dos livros mais discutidos e estudados no Brasil, sob as várias abordagens teóricas — literária, sociológica, histórica, antropológica, geográfica, política, derivando daí inúmeras teses, dissertações, artigos científicos etc., há ainda necessidade de estudos que problematizem a narrativa euclidiana, questionando-a do ponto de vista da representação das mulheres sertanejas dentro desse quadro misógeno e estereotipado narrado pelo autor sob a influência de valores culturais conservadores (PIETRANI, 2018).

Diversos estudos sobre esse ícone da literatura nacional apontam para a estigmatização, preconceito e misoginia com que o autor constrói a imagem das mulheres que viviam no arraial de Canudos sob a liderança de Antonio Conselheiro. Calasans (2001) destaca que o contingente de mulheres correspondia a cerca de dois terços dos vinte e seis mil moradores do arraial, número expressivo para que sobre elas o autor dedique tão poucas menções, e, quando o faz, as caracteriza como repugnantes, feias, bruxas, sempre enfatizando aspectos negativos.

Tomando a abertura dos Estudos Culturais para uma leitura crítica revisionista, pretendemos intertextualizar o discurso literário, memorialista e histórico de *Os Sertões* com outras narrativas literárias, de experiências memorialistas e de histórias de vida de mulheres sertanejas contemporâneas que nos

possibilitem construir imagens contestatórias ao imaginário euclidiano, no intuito de fundamentar a tese de que tais narrativas se enunciam como contra-discursos ao de Euclides da Cunha, demarcando um lugar de protagonismo e (re)existência sertaneja feminina, apagado na obra.

Dentre as leituras e discussões desenvolvidas nessa fase inicial do doutorado, destacamos alguns referenciais que julgamos fundamentais para a nossa pesquisa. É o caso do retorno a Saussure e seus estudos que o consagraram pai da Linguística Moderna e precursor da Semiologia como Ciência Geral dos signos e a outros teóricos que repercutiram as ideias do mestre genebrino em suas formulações teóricas, como é o caso de Barthes. A releitura de formulações teóricas saussureanas sob os diversos enfoques dos especialistas autores do livro *Saussure: a invenção da linguística* (2013) reafirmaram a importância desses referenciais para o estudo aqui proposto, considerando as interfaces da pesquisa com o campo da Crítica Cultural e Linguístico-literário.

Alguns conceitos importantes desenvolvidos pelo mestre de Genebra são *starts* para elaborações teóricas e melhor clarividência do percurso metodológico na busca de respostas para a problemática a ser investigada. A dupla face do signo linguístico-literário e o seu potencial mobilizador do sistema de significação por meio da articulação entre significante-significado; o princípio da arbitrariedade do signo linguístico e a compreensão de que a língua é resultado de convenção social, mas só se realiza por meio da fala, dimensão individual da linguagem, são conceitos basilares para compreendermos o texto literário como ato de fala, potencialmente aberto à plurissignificação e a Literatura em suas relações com um sistema signico semiótico, formado por signos linguísticos e culturais, arbitrários e polissêmicos, prenes de possibilidades representativas de outras formas de ver, ser e estar

no mundo e de (des)construção de realidades (FIORIN, 2013, p. 99-100).

Nesse sentido, a literatura, para além do seu valor estético, pode exercer uma função de ativismo micropolítico, na medida em que se insere no campo dos Estudos Culturais, abrindo-se para o diálogo interdisciplinar, intersemiótico e cultural, o que possibilita novas abordagens críticas revisionistas que interpelem o cânone e questionem as representações totalizantes e hegemônicas. A esse respeito, trouxemos Barthes que corrobora conosco ao dizer sobre a literatura:

ela é feita com linguagem, isto é, com uma matéria que já é significante no momento em que a literatura dela se apodera: é preciso que a literatura *deslize* para um sistema que não lhe pertence, mas que funciona apesar de tudo com os mesmos fins do que ela, isto é: comunicar. [...] estruturalmente, a literatura é apenas um objeto parasita da linguagem; [...] a ideia de literatura [...] não é a mensagem que se recebe; é um significado que se acolhe a mais, marginalmente; a gente o sente flutuar vagamente numa zona paróptica [...] (BARTHES, 1970, p. 170).

Barthes (1970) em *Crítica e Verdade*, falando sobre o sistema de significação da Literatura afirma que o escritor ou escritora se dedica a escrever de forma a “multiplicar as significações sem a preencher nem fechar, e que utiliza a linguagem para constituir um mundo enfaticamente significante, mas finalmente jamais significado”. Nesse sentido, a literatura pertence a um sistema de significação cujos sentidos são construídos por meio de uma linguagem transitiva capaz de transformar a realidade e não de duplicá-la (BARTHES, 1970, p. 173). É esse estatuto linguístico da literatura que possibilita a conotação e nunca a denotação do real pois,

cada vez que não se fecha a descrição, cada vez que se escreve de um modo suficientemente ambíguo para deixar fugir o sentido, cada vez que se faz como se o mundo significasse, sem, entretanto, dizer o quê, então a escritura liberta uma pergunta, ela sacode o que existe, sem, entretanto, nunca pré-formar o que ainda não existe, ela dá sopro ao mundo (OP CIT, p. 172).

Tal liberdade da escritura literária para Derridá incorpora os valores democráticos modernos pelo poder de falar sobre tudo, de dizer tudo, de subverter as interdições, o que nos remete à natureza rizomática do texto literário, que precisa estar aberto e conectado com o mundo, dialogar com outras produções artísticas e culturais e com outros campos do conhecimento. Para esse pensador, nisto se constitui a força política transformadora da literatura (DERRIDA, 2014).

Os registros da historiografia oficial universal e nacional reservam para as mulheres papéis secundários ou estereotipados, ao tempo em que aos homens elevam-nos ao heroísmo, e realizações. Simone de Beauvoir em seu clássico “O segundo sexo” (1949), ao dizer que “Toda a história das mulheres foi escrita pelos homens”, nos alerta para a necessidade de interpelarmos as narrativas históricas, literárias, religiosas e científicas canônicas, cujos arquivos representam uma essencialidade feminina estereotipada e subalterna, instaurada pelo crivo do olhar masculino, androcêntrico, patriarcal.

O desafio de uma releitura de *Os sertões* (1902) na perspectiva de fazer emergir dos escombros de um passado de violência e barbárie memórias de resistência e de uma ancestralidade de (re) existência de mulheres sertanejas que participaram da Guerra de Canudos, cuja representação foi trazida à cena literária sob o crivo misógino e patriarcal euclidiano, segue à premissa de uma crítica cultural contestatória dos arquivos do poder, na esteira do que preconiza Silviano Santiago sobre a

necessidade de o/a crítico/a operar no vácuo dos “deslocamentos dos significantes culturais” e, desse “entre-lugar”, [...] questionar a tradição e buscar uma resposta ao processo de colonização, opondo-se à submissão da recepção passiva” (SANTIAGO, 2000, p. 19).

Nessa direção, buscaremos analisar a representação das mulheres no clássico euclidiano em confronto com memórias e experiências de mulheres sertanejas representadas em outras fontes, tanto no contexto do conflito, quanto na contemporaneidade, concebendo tais vivências e experiências narradas como contra-narrativas de resistência e (re)existência, num movimento de interpelação ao discurso oficial histórico e literário e de subversão decolonial. Diante dos objetivos formulados para o encontro das possíveis respostas que ancoram esta tese, definimos as seguintes questões de pesquisa: que aspectos do paradigma colonial e do patriarcado de Estado determinaram a barbárie de Canudos? É possível desconstruir a narrativa de apagamento do protagonismo das mulheres sertanejas na Guerra de Canudos, a partir da análise da obra *Os sertões* em intertextualidade com outras fontes, literárias, históricas e memorialistas e com narrativas de mulheres sertanejas contemporâneas? Qual a potencialidade das memórias e narrativas de mulheres sertanejas contemporâneas enquanto força mobilizadora de (re)existências e decolonialidades, para enfrentamento ao conservadorismo, opressões de gênero, raça, classe social e outras subalternidades?

O caminho metodológico inicialmente delineado buscará nos aproximar de uma metodologia na perspectiva feminista, conforme postula Sardenberg (2007), privilegiando as mulheres como sujeitas, a começar pela escuta de teóricas que trazem as marcas femininas libertárias e emancipadoras nas suas produções. A valorização das subjetividades e das experiências das mulheres

como forma legítima de construção do conhecimento, ao lado de outras ciências e epistemologias, reafirmam um modo feminista de fazer ciência.

Dessa forma, adotaremos essa orientação metodológica, tanto para as análises da obra *Os Sertões*, quanto para as análises das memórias e experiências de mulheres sertanejas nas diversas fontes a serem pesquisadas e das vozes femininas contemporâneas, cujas narrativas orais e outros registros das suas memórias pessoais ou coletivas serão objeto de análise, visando construir pelo diálogo intertextual entre discurso literário, experiências de mulheres sertanejas e referenciais teóricos da Crítica Cultural e da Crítica Feminista decolonial uma Epistemologia de afirmação, resistência e (re)existência feminina sertaneja, frente à histórica inferiorização e subalternização das mulheres pela cultura patriarcal. Buscaremos nesse entre-lugar de potência criativa e transcendente do signo linguístico-literário, [...] expor ou fazer falar a ficcionalidade do campo historiográfico, teórico e crítico, a partir das metáforas literárias transformadas em conceitos (MOREIRA, 2021, p. 10).

Conjugando nossa subjetividade e experiência feminina às teorias estudadas para construir as nossas formulações, seguiremos as pistas de uma trilha metodológica da Crítica Cultural proposta pelo professor Doutor Osmar Moreira (2021, p. 1):

[...] situar os crivos interpretativos desenvolvidos, regionalmente, com força para se combater formas de colonização epistemológicas. A metodologia, aqui, identifica e anula dispositivos do pensamento arborescente (a fixação de um “eu” identitário, a imposição de um sistema de representação e uma mediação do aparelho institucional e seus dispositivos) praticado na periferia do sistema, a saber, o teológico, o positivismo matemático, o naturalismo cientificista, o estruturalismo, além do jurídico-policial como anomia e estado de exceção. Os resultados: a) um mapa de práticas linguístico-literárias que

problematizam o localismo ingênuo e as armadilhas de um universalismo excludente e alienante; b) o estabelecimento de um aparato científico menor e lateral capaz de fazer falar o silenciado (SANTOS, 2021, p. 1).

## **AS MULHERES DE CANUDOS: EXISTÊNCIAS RENEGADAS**

Falar das mulheres que vivenciaram a Guerra de Canudos tendo a narrativa euclidiana como fonte de dados e inspiração pode parecer contraproducente, considerando que a leitura de *“Os Sertões”* revela muito poucas menções ao sexo feminino e quando o faz representa as mulheres sob as cores repugnantes da misoginia e dos estigmas frutos da cultura patriarcal.

Pietrani (2018) constata que das mais de 500 páginas do livro, temos apenas 32 ocorrências da palavra “mulheres”, sete menções a “mulher” e um registro de “mulherio”. Esta pesquisadora retoma um antigo questionamento sobre a aparente ausência das mulheres na narrativa do conflito de Canudos pelas lentes de Euclides da Cunha e, atenta à lupa de um dos mais importantes estudiosos da obra, José Calasans, reflete sobre a presença resistente das sertanejas no conflito de Belo Monte, tomando as provocações desse ensaísta em *“As mulheres de Os Sertões”* como pista para uma leitura crítica da obra que subverte a tentativa de apagamento do protagonismo das mulheres sertanejas.

É perceptível o menosprezo dado às participantes femininas da Guerra de Canudos, fato comprovável tanto pela decisão deliberada do narrador de afastá-las para as margens, ou de trazê-las para o centro de cenas deploráveis de extrema desvalia e desumanização. Assim como Pietrani desenvolve seu artigo *“#MulherPresente: existência e resistência em Os Sertões de Euclides da Cunha”* (2018) a partir das provocações de outros/as

pesquisadores/as, buscaremos pistas desse e de outros estudos que nos instigam a revolver os escombros de uma história contada sob a ótica androcêntrica, patriarcal, racista e sexista, em busca de outras versões que libertem as mulheres da passividade, demonização e tratamento estereotipado com que são representadas na narrativa euclidiana, convicta de que, embora a obra seja ícone das letras nacionais, uma das mais estudadas e com grandiosa fortuna crítica, cujo autor é, sem dúvida, um dos mais talentosos e importantes escritores e intelectuais da nossa literatura, há ainda uma enorme lacuna a ser preenchida com investigações sobre as mulheres que lutaram na guerra de canudos.

Em artigo publicado em 2002, intitulado *Presença das mulheres em Canudos*, Luzilá Ferreira coloca sob suspeição o silêncio de Euclides sobre a atuação das mulheres que vivenciaram o conflito em Canudos, sertanejas que sob a liderança de Antonio conselheiro defenderam o arraial com bravura e altivez. A narrativa euclidiana relega à invisibilidade a força e coragem do contingente numeroso de mulheres que fizeram parte desse fato histórico de repercussão nacional e mundial. Segundo Dantas (1922, p. 146) “o mulhério constituía então, a parte mais numerosa do pessoal fanático, podendo ser calculado em dois terços do bando que acompanhava o Conselheiro”. E “onde estão as mulheres em *Os Sertões*, as prováveis heroínas, as grandes personagens que se distinguiram, certamente, como alguns dos homens, por sua coragem, por sua ação?” Esta indagação de Ferreira (2002) continua a nos instigar.

Esparsamente, aparecem mulheres no livro, sem muita importância, secundarizadas nas cenas narradas e sempre ocupando lugares marginais na comunidade. Essas figuras femininas são quase inexistentes, exploradas, submissas e emudecidas, apresentadas num estado de miserabilidade bem maior que a condição dos homens do arraial. É evidente a influência

de uma formação positivista, determinista, militarista e patriarcal que o autor deixa transparecer ao adotar o ponto de vista de invisibilidade para com as mulheres sertanejas, alijando-as da história, tentando apagar as memórias da presença feminina que, certamente destacou-se em atos de heroísmo e valentia (FERREIRA, 2002, p. 368).

Pietrani (2018) nos chama a atenção para essa aparente ausência das mulheres que vivenciaram o massacre de Canudos e as reticências do autor para com o reconhecimento do papel feminino no contexto do conflito. A escassez da representatividade feminina na narrativa não deve ser interpretada como evidência de passividade ou insignificância das mulheres enquanto participação social de resistência e enfrentamento em defesa do arraial. É preciso analisar qualitativamente as cenas e imagens que as envolvem na escrita euclidiana, pois embora os registros sejam poucos, “são propícios à reflexão” (PIETRANI, 2018, p. 107).

Jailma Moreira (2016, p. 31) em estudo sobre a subjetividade das mulheres sertanejas, publicado no livro autoral *Sob a luz de Lampião: Maria Bonita e o movimento d subjetividade de mulheres sertanejas* (2016) traz uma imagem que pode explicar o tratamento dado às mulheres na narrativa euclidiana. Trata-se da força metafórica de uma “protocena” narrada na Carta de Pero Vaz de Caminha que inaugura a imposição da cultura patriarcal eurocêntrica colonizadora em terras brasileiras, paradigma contrastante com o modo de vida e formas de existência dos povos originários brasileiros, no caso da cena analisada, com as indígenas brasileiras. É o registro do encontro do homem branco e a influência do olhar patriarcal colonizador, que “[...] apaga as diferenças culturais, que recalca a mulher, a índia, a negra, a mulher brasileira [...]” e as sertanejas de *Os sertões*, sob o crivo do olhar euclidiano que

[...] são ainda vistas como inferiores, ainda não vistas por lentes diferentes das de Caminha... Se ainda são o resultado de uma dependência ou de uma extorsão das riquezas, a imagem dessa exclusão precisa ser pensada com outros olhos, a fim de que aquilo que tem sido permanentemente uma ausência passe a se constituir numa presença epistemológica que nos motive a esconjurar essa vergonha instalada pelo texto paradigmático do escrivão português (MOREIRA, 2016, p. 31).

Ao analisar a cena em que o escrivão narra o seu espanto frente à nudez das índigenas brasileiras, contaminado pelo etnocentrismo colonial e moralidade cristã, Jailma Moreira (2016) formula uma crítica contundente à violência desse olhar impregnado de preconceito e censura contra à liberdade e liberação dos próprios corpos, experiência demonstrada pelas nativas, insubmissas às leis e preceitos da cultura judaico-cristã.

Encontro emblemático cuja significação reverbera o processo de dominação colonial, que sob o signo da violência apossou-se da terra e dos corpos de indígenas e de negros e negras para expansão do imperialismo português. Nesse sentido, aquele olhar sexista, guiado pela moral cristã, um dos esteios do projeto de exploração colonialista, reduz o ser-mulher-indígena à sua genitália, à mera funcionalidade sexual, concebendo a diferença cultural como exotismo e incivilidade, ao comparar as indígenas às mulheres européias que, subjugadas aos ditames patriarcais, tinham seus corpos aprisionados e encobertos.

Para os planos expansionistas de povoamento da colônia e enriquecimento da Coroa, era necessária a conversão ao cristianismo, assimilação dos valores cristãos e a instituição da família nuclear pelo casamento. A principal missão da Igreja no processo colonial era a cristianização dos povos indígenas, o que para os colonizadores significava uma passagem do estado selvagem ao civilizado. O pensamento binário, fundamento do paradigma colonial, encontrava na cultura não monogâmica dos

nativos um impedimento à conversão e batismo, pois o matrimônio monogâmico era um dos sacramentos do catolicismo e a liberdade sexual considerada pecado capital (NÚÑEZ, AT.AL, 2021).

Na primeira referência às mulheres encontrada na narrativa de Euclides, flagramos o olhar de objetificação do corpo feminino, à serviço dos usos e abusos dos interesses coloniais, inicialmente voltado ao povoamento e embranquecimento da população. O padre Manoel da Nóbrega, preocupado com o crescimento dos filhos de cristãos nascidos das relações sexuais entre os colonos e indígenas, escreve uma carta ao Rei de Portugal em 1549 propondo uma alternativa diante do aumento de filhos de cristãos nascidos segundo os hábitos gentílicos; “achava conveniente que lhe enviassem órfãs, ou mesmo mulheres que fossem erradas, que todas achariam maridos, por ser a terra larga e grossa” (CUNHA, 2007, p. 122).

É perceptível na alusão de Euclides ao pedido do sacerdote a subalternização das mulheres e controle dos seus corpos e destinos pela vontade e diretrizes dos homens. A elas não cabia escolher, mas aceitar o casamento imposto como único destino. Desumanizadas, desprovidas de vontade e sentimentos, aparecem na narrativa euclidiana de acordo com as concepções androcêntricas de inferiorização feminina.

José Calasans em seu artigo *As mulheres de “Os Sertões”* (1959), trata das três mulheres referidas por Euclides no interesse da biografia de Antonio Conselheiro, a saber, uma tia, a mãe e a esposa do líder sertanejo, mas destaca a pouca importância dada pelo escritor a elas. Considera que o autor se restringiu ao registro do que ouviu e leu sem acréscimos significativos. No entanto, o narrador de *Os Sertões* posiciona-se diante dos relatos de infelicidade conjugal do Conselheiro de Belo Monte e do suposto assassinato da própria mulher por tê-lo traído, culpabilizando-a

pelos infortúnios e má sorte, como se vê na citação a seguir: “A mulher foi a carga adicionada à tremenda tara hereditária, que desequilibraria uma vida iniciada sob os melhores auspícios” (CUNHA, 1946, p. 160). Remonta-nos ao mito bíblico da Eva-serpente que levou o homem ao pecado original e à consequente expulsão do paraíso, mito fundador da concepção dualista que atribui ao ser feminino uma natureza angelical ou demoníaca, de acordo com os ditames preestabelecidos pelo paradigma patriarcal e judaico-cristão. A esse respeito, Larissa Brito (2018) corrobora com a seguinte afirmação:

A posição de Euclides nessa afirmação considera a mulher como fator de desarmonia (na vida do Conselheiro) como se a simples presença feminina fosse capaz de dissolver uma vida que poderia ser frutífera e esse fosse um dos motivos que desencadearam as tragédias. Até mesmo a beleza da mulher, nas raras ocasiões em que é mencionada, é considerada “a face tentadora de Satã” pelo escritor. Essa proposição, conforme questiona Calasans, poderia ser um reflexo das concepções do próprio escritor? (BRITO, 2018).

Chama-nos a atenção a forma distinta com que o autor descreve a população da comunidade de Monte Santo, acentuando as características físicas das mulheres, mas num enquadramento de extrema fealdade e horripilância, emoldurando-as à estereotipia e juízo de valor misógino, buscando provocar no leitor/a repugnância por aquelas que, segundo a perspectiva euclidiana, integravam “agrupamentos bizarros” de mulheres na comunidade canadense, enquanto aos homens se refere como “grupo varonil”, “vaqueiros rudes e fortes, trocando, como heróis decaídos a bela armadura de couro pelo uniforme reles de brim americano” (CUNHA, 2007, p. 232). Vejamos parte da descrição da população feminina na citação a seguir:

Ali, estavam, gafadas de pecados velhos, serodidamente penitenciados, as beatas — êmulas das bruxas das igrejas —

revestidas da capona preta lembrando a holandilha fúnebre da Inquisição; as solteiras, termo que nos sertões tem o pior dos significados, desenvoltas e despejadas, soltas na gandaíce sem freios, as moças donzelas ou moças damas, recatadas e tímidas; e honestas mães de família. [...] Faces murchas de velhas — esgrouviados viragos — mulher-macho, descabelada, em cuja boca deve ser um pecado mortal a prece —; rostos austeros de matronas simples; fisionomias ingênuas de raparigas crédulas, misturavam-se em conjunto estranho (CUNHA, 2007, p. 230-231).

Em toda a obra os *Sertões* a representação das mulheres as desumanizam, transformando-as em seres imprestáveis de existências negadas, pois nada se diz das suas histórias, de sua atuação no conflito, das suas memórias, antes disto, o autor as enquadra nas molduras da bizarrice e estranheza negando-lhes a humanidade. É pertinente o questionamento sobre a representatividade escassa e desimportante do gênero feminino no contexto do conflito do Belo Monte, principalmente porque, um olhar para o passado nos dá conta de inúmeras mulheres guerreiras que colocam em evidência a coragem, força e inteligência femininas como heroínas e protagonistas em todas as lutas da história brasileira. No Brasil de Dandara dos Palmares, de Tereza de Benguela, de Aqualtume, de Felipa de Oliveira, de Maria Quitéria, de Anita Garibaldi, de Maria Bonita, de Olga Benário, de Dilma Rousseff, de Margarida Alves é preciso rasurar a história contada em *Os Sertões* para suplementá-la com as existências e (re)existências de mulheres sertanejas apagadas na obra.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os registros da barbárie praticada pelo Estado patriarcal burguês em Canudos e a forma misógina com que o autor de *Os sertões* (1902) representa as mulheres sertanejas na obra

distanciam-se de nós em mais de um século, no entanto, paradoxalmente, aproximam-se como prática cotidiana, pela permanência de uma práxis social e política ainda persistente e arraigada na sociedade brasileira. A intensidade com que o racismo recrudescer, somado aos retrocessos que ameaçam políticas públicas conquistadas pelos movimentos sociais, após a recente ascensão ao poder da extrema-direita no Brasil, urge pela intensificação das lutas para enfrentamento das desigualdades, do racismo, das violências físicas e simbólicas contra os grupos minoritários, no combate ao feminicídio, à LBTfobia, à violência doméstica, aos preconceitos e desigualdades de gênero, raça, etnia e classe social.

Num país em que mais de 70% dos lares são chefiados por mulheres, onde significativa parcela da economia é movida pelas mãos femininas, onde são as mulheres que pontuam como contingente com mais anos de estudos, na outra ponta, são as mulheres a categoria mais precarizada e explorada no mercado de trabalho, que são alvos de violências de toda ordem, inclusive nos seus lares, onde deveriam estar em segurança e proteção.

O contexto da pandemia do Covid-19 expôs as vísceras apodrecidas de uma realidade histórica de violências contra as mulheres, como registram a ONU-mulheres, o Relatório de Segurança pública de 2020 e outras fontes de pesquisas. Aliás, a pandemia trouxe à tona as desigualdades e injustiças sociais provocadas por esse modelo de sociedade capitalista que se sustenta nos tentáculos patriarcais, coloniais, racistas e classistas. É relevante destacar que no Brasil o paradigma colonial, fundamentado nesses valores, sempre reservou para as mulheres um lugar de subalternidade e inferiorização. Portanto, diante do retorno ao poder da extrema direita, possibilitada por um golpe parlamentar-jurídico — midiático, mais do que nunca urge problematizarmos a situação de retrocesso do país, em que “a elite

do atraso” (SOUZA, 2018) sai dos seus armários encorajada por um governo que ataca a democracia e adota a necropolítica como prática de eugenismo social em favor do neoliberalismo de estado. (MBEMBE, 2018).

As recentes estatísticas do aumento de feminicídios e violências domésticas e os registros de que são as populações pretas, periféricas, indígenas as mais atingidas pela crise sanitária do Covid-19, quer seja pela exposição a condições de vulnerabilidade à contaminação, ou por serem populações historicamente relegadas e pauperizadas nos alerta da necessidade de enfrentarmos essa problemática. O cotidiano, as pesquisas, as notícias que circulam na mídia apontam para a urgência de travarmos esta luta de forma incansável e nos apropriarmos de todos os espaços para o trabalho de convencimento, sensibilização e construção de aprendizagens necessárias ao enfrentamento de todas as formas de preconceito.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo: Fatos e Mitos*. Vol. 1. Trad. Sergio Milliet. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1980.

BHARTES, Roland. *Crítica e Verdade*. São Paulo: Perspectiva, 1970.

BRAGA, Udneia Braga. Anais do XXVI-Simpósio Nacional de História — ANPUH, São Paulo, jul, 2011.

BRANCO, Ivo. *Os órfãos de Canudos*. Brasil, documentário, 2017, 56 minutos. Direção e roteiro: Ivo Branco Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-U-gH9zjBdA>.

BRITO, Larissa. *A representação feminina sertaneja em Canudos um olhar sobre O Sertões*. Disponível em: A representação feminina sertaneja em Canudos | by Larissa Brito | Medium. Acesso em 23 mar. 2022.

CALASANS, José. *As mulheres de Os Sertões*. In: FERNANDES, Rinaldo de. *O clarim e a oração*. São Paulo: Geração Editorial, 2002.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Martin Claret, 2007.

DANTAS, S. de Souza. *Aspectos e contrastes: ligeiro estudo sobre o sertão da Bahia*. Rio de Janeiro. Tip. Ver.dos Tribunais. 1922.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. Trad. GUERRA NETO, Aurélio; COSTA, Celia Pinto. v. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DERRIDA, Jacques. *Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida*. Trad. Marilene Dias Esqueda. Rev. Evandro Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

FERREIRA, Luzilá Gonçalves. *Presença das mulheres em Canudos* IN: FERNANDES, Rinaldo de. *O Clarim e a oração*. São Paulo: Geração Editorial, 2002.

FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaína. (Org.) *Usos e abusos da história oral*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Da Fundação Getúlio Vargas, 1998. 304p.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Trad. Frederico Carroti. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

GOMES, Carlos Magno (Org.). *Crítica Cultural e Estudos Literários*. São Cristóvão: Editora UFS, 2016. (386p) ISBN. 978-85-7822-528-5.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Trad., Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018. 80p.

MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira. *Sob a luz de lampião: Maria bonita e o movimento de subjetividade de mulheres sertanejas*. Salvador; Eduneb, 2016.

NÚÑES, Geni; OLIVEIRA, João Manuel de; LAGO, Mara Coelho de Souza. Monogamia e (anti)colonialidades: uma artesanaria narrativa indígena. In: *Teoria e Cultura. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – ufjf*, v. 16, n. 3, Dez, 2021. ISSN 2318-101x (on-line) ISSN 1809-5968 (print).

PIETRANI, Anélia Montechiari. *MulherPresente: existência e resistência em Os Sertões de Euclides da Cunha*. Revista Léngua & Meia Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual de Feira de Santana Feira de Santana, v. 09, n. 1, 2018 p. 106-118.

PRIORE, Mary Del. (Org.) *História das mulheres no Brasil*. 10. Ed, 6. reimp. São Paulo: Contexto.

REZENDE, Maria José. *Os sertões e os (des) caminhos da mudança social no Brasil*. IN: *Tempo Social Social: revista de sociologia da USP*. Vol 13. N. 2. São Paulo. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-20702001000200011>; Acesso em: 28 abr. 2021.

SAFFIOTI, Heleieith. *Movimentos sociais: face feminina*. In: CARVALHO, Nanci Valadares (org). *A condição feminina*. Revista dos Tribunais. São Paulo: Vértice, 1988.

SAFFIOTI, Heleieth, Lara, Bongiovani. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Rio de Janeiro: Vozes, 1976.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. *In*. SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Cia das Letras. 2000.

SANTOS, Osmar Moreira dos. Um banquete antropofágico: violência originária e táticas de negociação cultural emergentes no Brasil. Campinas; Mercado das Letras, 2020.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix/Edusp. 1969.

